



“NÓS DEIXAMOS DE SER OBJETO DE ESTUDO PARA SERMOS PRODUTORES DOS ESTUDOS SOBRE NÓS”: Uma entrevista sobre capoeira, educação, Universidade e resistência.

Gabriela Novaes Santos¹
Cientista Social pela Universidade Federal da Paraíba.

Giovanna Ignowsky Borba²
Bacharela em Direito pela Universidade Federal da Paraíba.

Esta entrevista se deu à volta de uma mesa redonda, no ambiente 29 do Centro de Educação (CE), que tem a sua entrada pela Praça Marielle Franco, na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Campus I.

Durante a tarde do dia 05 de dezembro, nos encontramos em roda, no centro do espaço acadêmico. Entre *gingas* e *rolés* transdisciplinares, mestre Dário e mestra Malu, coordenadores do Grupo Capoeira Angola Palmares, refletiram sobre como usar capoeira no jogo da vida acadêmica.

A entrevista foi conduzida por Gabriela (Gabi) Novaes Santos, Editora Adjunta, e Giovanna (Gio) Ignowsky Borba, Editora Chefe e está transcrita a seguir.

Gabi: Quero começar agradecendo por vocês cederem essa entrevista. Nós da revista ficamos muito felizes. Acredito que será algo muito importante para o nosso próximo número trazer a capoeira. Eu sou Gabriela, editora adjunta da revista.

Gio: Eu sou Giovanna, editora chefe da revista.

Gabi: A Revista Direitos Humanos e Transdisciplinaridade, imagino que Victor Martins³ já tenha falado um pouco para vocês, que é uma revista do DCJ-Santa Rita e é um prazer estar com vocês aqui para dialogar. Eu queria

¹Editora Adjunta da Revista Direitos Humanos e Transdisciplinaridade. gabrielanovaesantos@gmail.com.

²Editora Chefe da Revista Direitos Humanos e Transdisciplinaridade. giovanna.ignowskyb@gmail.com.

³Victor de Oliveira Martins, editor chefe da Revista Direitos Humanos e Transdisciplinaridade.



DIREITOS HUMANOS
E TRANSDISCIPLINARIDADE

primeiro pedir que vocês se apresentassem e falassem um pouco da trajetória de vocês. Eu sei que vocês são conhecidos enquanto um grupo de capoeira do Roger, mas se quiserem falar também de outros espaços que vocês ocupam, acho que de início, seria isso.

Mestre Dário: (Em direção à mestra Malu). Você vai ou eu vou?

Mestra Malu: O mais velho, pode ficar à vontade.

(Risos).

M.D.: É o mais velho na capoeira, viu? (Risos). Uma boa tarde, meu nome é Dário Pereira João, sou mestre de capoeira, faço parte do Grupo Capoeira Angola Palmares. Fui formado pelo mestre Lázaro que era aluno do Mestre Nô⁴. Mestre Nô é o fundador do Grupo Capoeira Angola Palmares. Nós realizamos um trabalho com capoeira desde março de 1998 no bairro do Roger. Esse trabalho iniciou na escola Piollin, e passamos por várias ONGs dentro do próprio bairro. A casa Pequeno Davi, a Casa das Irmãs e pelas escolas públicas de lá – foi Escola Municipal João Coutinho e a Escola Ana Higina – nós desenvolvemos trabalhos nessas escolas também. Eu também, enquanto capoeirista, ministrei oficinas de capoeira em vários programas governamentais, tanto pela prefeitura quanto pelo governo do Estado, então eu acabei circulando por vários bairros aqui da cidade ministrando essas oficinas. Ministrei oficinas em Mandacaru, em Mangabeira, na Casinha, que é uma ONG em Mangabeira, na [ONG] Aldeias Infantis SOS também, numa comunidade chamada Chatuba que fica aqui em Manaíra. Nós circulamos bastante durante esse período que eu estive ligado à prefeitura municipal. Eu ministrava aula pra criança e adolescente do Programa de Reeducação do Trabalho infantil. Eu fiquei ligado a esse trabalho até acho que 2012, mais ou menos. Depois daí eu me afastei e fiquei só no trabalho do grupo [de capoeira], e ministrando oficinas à noite através de projetos que a gente apresentava na Fundação Cultural de João Pessoa (FUNJOPE).

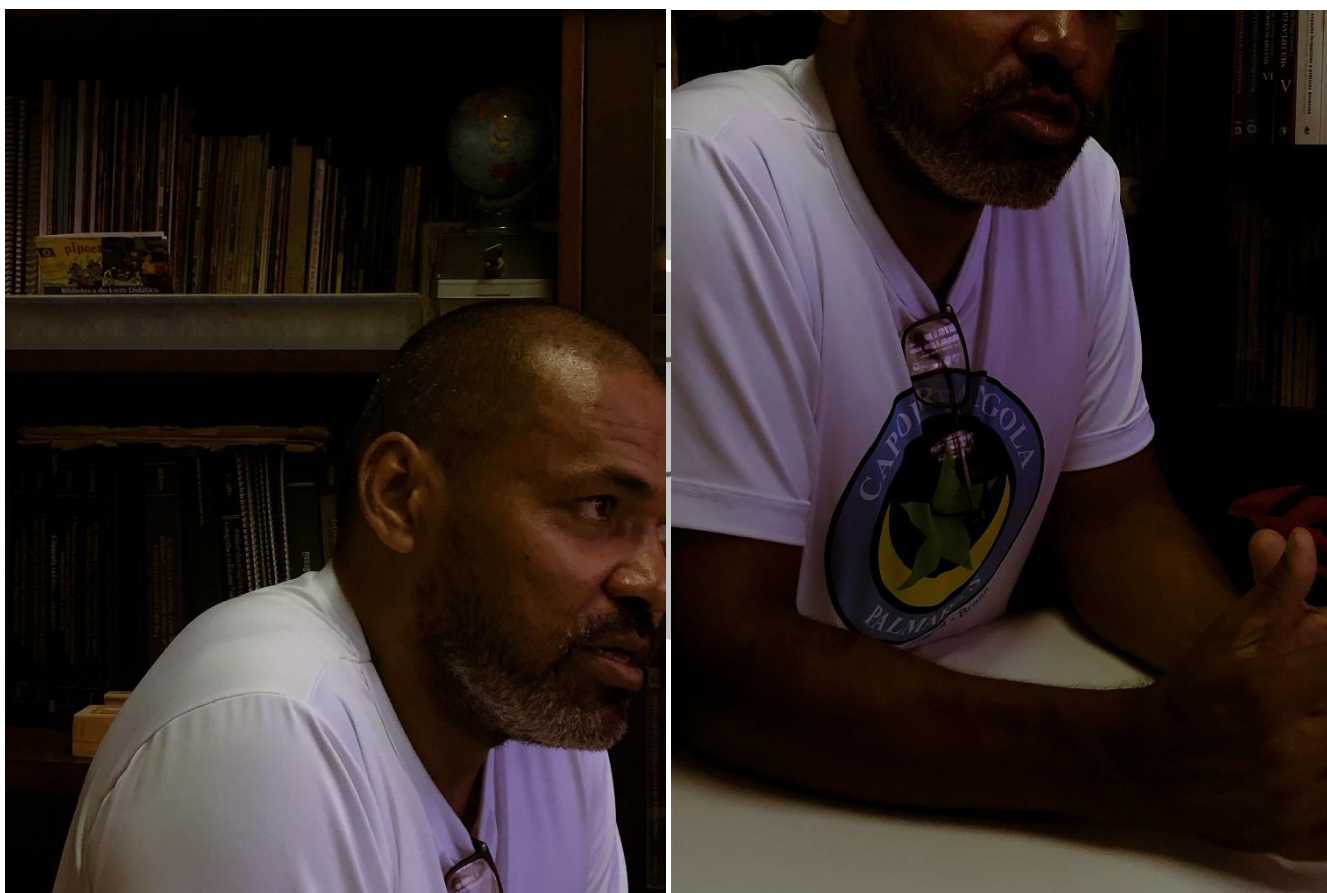
Também tenho graduação em Pedagogia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e sou estudante do mestrado de educação e como

⁴Norival Moreira de Oliveira (Mestre Nô), fundador da Associação Brasileira e Cultural de Capoeira Angola Palmares, Salvador/BA.



DIREITOS HUMANOS
E TRANSDISCIPLINARIDADE

estudante da licenciatura em Ciências Sociais. Estou doido pra concluir o mestrado para dar, de fato, continuidade lá [à segunda graduação]. Devido às demandas da pós-graduação eu tranquei a graduação em Ciências Sociais. Eu aproveitei muitas disciplinas da Pedagogia, como [a graduação em Ciência Sociais] é licenciatura. Até porque várias disciplinas da licenciatura em Ciências Sociais são aqui do Centro de Educação (CE), então eu já cursei aqui, eu dispensei 14 disciplinas, aí adiantou bastante o curso. É isso.



Mestre Dário concedendo entrevista à Revista DHT (Giovanna Ignowsky Borba/DHT).

M.M.: É, só a questão do mestrado, qual é a...

M.D.: Sim! O mestrado é em Educação, nós estamos estudando aqui o processo formativo do mestre de capoeira, como se dá essa formação do mestre de capoeira. Na graduação em pedagogia, nós estudamos, a partir de um trabalho que, como eu falei, como a gente ministrou aulas em vários espaços do bairro do Roger, um desses espaços foi a Escola Ana Higina,



nessa escola a gente ministrava oficina de capoeira pelo Mais Educação, tanto eu quanto professor Gabriel, na época ele era instrutor.

Gabi: [Gabriel] que é o filho de vocês, inclusive.

M.D.: É, filho da gente e está fazendo aqui [na UFPB] bacharelado em Ciências Sociais. Gabriel ministrava oficina de capoeira lá e eu, como estudante da Pedagogia, fui fazer meu estágio lá nessa escola. E dentro dessa escola, sistematizamos o TCC, que versava sobre a seguinte coisa: de que maneira a capoeira poderia ajudar nesse processo de educação escolarizada das crianças. Nós fizemos um TCC lá e depois ele foi desmembrado em alguns artigos e depois, esse mesmo TCC, serviu como base para um projeto que atualmente está em voga dentro da prefeitura, que é o “Capoeira no chão da escola”. Esse projeto é baseado na experiência desenvolvida pelo grupo e sistematiza no TCC aqui [na UFPB]. Quem coordena o projeto é a mestra Malu. Acho que é isso, né?

Gabi: E... Você faz parte também de grupo de pesquisa no mestrado.

M.D.: Sim! Na verdade, eu faço parte do grupo de pesquisa da professora Ana Paula Romão, que é chamado “Práticas Educativas Griô”. Eu entrei nesse grupo em 2016. Eu entrei no curso de Pedagogia em 2014 e em 2016 o grupo iniciou. Eu fui o primeiro bolsista do grupo. Nós trabalhamos muito essa questão do conhecimento dos mais antigos a partir da capoeira. O grupo começa em 2016, são 7 anos, né?

M.M.: 7 anos...

M.D.: 7 anos de grupo, eu fui o primeiro o bolsista e fiquei como bolsista até 2019, quando eu defendi o TCC. Mas ainda continuo como colaborador do grupo.

Gabi: E a senhora, mestra? (Risos).

M.M.: (Risos). Eu sou Maria de Lourdes Faria Lima, conhecida como mestra Malu, sou aluna direta do mestre Dário, formada pelo mestre Nô Moreira de Oliveira, fundador do Grupo Palmares. Minha graduação é em Comunicação, meu TCC foi “O início da capoeira em João Pessoa”, um documentário, vídeo-documentário.

Gabi: Que legal! Eu não sabia.



M.M.: É... Eu vou viver capoeira, conheço a capoeira em 1993, eu fazia uma disciplina chamada “Cultura Brasileira” aqui com o professor Marcos Ayala, e nesses encontros, nos foi pedido para conhecer quem fazia cultura, e nós, com as outras meninas, conheceu no Teatro Cilaio Ribeiro o Grupo Lua de Palmares, que foi quando eu iniciei. Na época, o responsável era Rafael, que hoje é mestre – mestre Rafael Magnata. E a partir dali nós começamos essa virada. Das meninas, eu fui a única que fiquei. As meninas voltaram e ficaram na Universidade e a partir daí começou essa pesquisa em relação à capoeira. E por isso que o meu TCC, meu trabalho final foi, exatamente, um vídeo-documentário. Eu tive o prazer de conhecer Balula, que é um referencial do Movimento Negro, é ele que narra o vídeo-documentário. E eu pude ir para o Maranhão conhecer Zumbi Bahia, que foi o primeiro que iniciou essa forma sistematizada de oficinas de capoeira em João Pessoa, que na época era percussionista, parte de um grupo de danças folclóricas, Filhos de Obá. A sua mãe, a sua família era de terreiro, Mãe Augusta e ele apresentou aqui [em João Pessoa] “Uma Noite na Bahia”. A partir daí ele recebeu um convite de Tenente Lucena, na época, um folclorista que estava ali no SESC. Ele convidou Zumbi Bahia para dar as primeiras oficinas [de capoeira] e daí parte.

E o segundo lugar, que eu acho importante só para entrelaçar, o segundo lugar que tem na capoeira é na Escola Piollin. Depois, Zumbi Bahia teve essa experiência no SESC, mas ele passou a ensaiar na Escola Piollin, que não era lá embaixo como hoje, era... Como é mesmo Dário, o nome daquela igreja?

M.D.: Igreja São Francisco.

M.M.: Igreja São Francisco. A partir de 1998 eu passo a dar aula de capoeira com mestre Dário. Em 2000, começo os trabalhos individuais como mulher dando aula de capoeira, tenho um convite da Escola Piollin, na época, já embaixo, para dar a primeira oficina com meninas. Eu trabalhei 4 anos só com turmas de meninas. Nós temos a professora Nina como resultado dessa turma, que continua: tem a Girlene, dona do primeiro salão de penteado afro,



DIREITOS HUMANOS
E TRANSDISCIPLINARIDADE

Sara também é tem salões de penteado que vêm a partir dessa geração de turmas femininas. Eu também fui convidada para dar aula no PETI⁵.

Então, no PETI estava começando aqui em 2000 e eu fui a primeira educadora capoeira do programa, e a discussão era sobre o trabalho infantil. Fiquei de 2000 a 2012, e nós pudemos conhecer a cidade. Acho isso bem interessante, eu conheci toda a periferia da cidade. Na época, eu era monitora de capoeira, depois fui instrutora, até chegar à mestria. Participamos dos espaços, governamentais e não-governamentais. Depois, nós tivemos uma experiência muito boa no projeto “Beira da Lei”, no bairro Alto do Mateus, onde ficamos um tempinho. Tanto eu quanto o mestre Dário, acho que depois a professora Nina passa por lá dando aula. Os trabalhos com ONGs que marcam.

E outro lugar que nos marca é a Casa Pequeno Davi, tanto que nós fomos educadores da casa como parceria com o grupo de capoeira. A Casa é uma ONG também dentro do bairro do Roger, que tem uma ação muito forte em relação à política da criança e do adolescente. Outro espaço que é sempre bom marcar, porque nós vemos que o Roger ainda tem o estigma de ser o bairro do presídio e do lixão, é o nosso trabalho desde 2000 com a Comunidade do S, atendendo no momento pela Escola Piollin com o PETI lá dentro. E, em outro momento, fazendo atuação direta na Casa das Irmãs, que fica na rua Severino José Nascimento⁶, e nós atendemos exatamente dentro da comunidade.

Depois eu venho fazer o mestrado. Existem algumas discussões que nós que somos capoeiristas não somos ouvidos. Por isso nós sentimos a necessidade de voltar para a Universidade. Eu voltei depois para terminar o curso, porque só faltava o TCC. Terminei e depois vim a fazer o mestrado pela necessidade de ter uma fala que tivesse esse trânsito com o saber acadêmico, já que nós viemos de uma tradição oral e que às vezes esse lugar de vir como mestre ou mestra de capoeira, ele dentro de uma sociedade que o capital

⁵Programa de Erradicação do Trabalho Infantil, implementado pelo Governo Federal e administrado pela Prefeitura Municipal de João Pessoa

⁶No bairro do Róger, João Pessoa/PB.



cultural passa pelos títulos universitários, nós sentimos a necessidade de voltar e pesquisar para ter essa ação de trânsito e de fortalecimento da própria cultura popular – a capoeira. Eu faço, então, o meu mestrado discutindo, fazendo um alinhamento da capoeira, a prática educativa do Grupo Capoeira Angola Palmares no Roger, essa experiência na dimensão da educação popular, como é esse processo de aprendizagem da capoeira angola, dessa perspectiva desse grupo, dentro da comunidade.

Gabi: No caso, o seu mestrado também é na área da educação?

M.M.: Sim, também é na linha da educação popular. Mudou, né? Antes era tudo mestrado em educação. A minha linha é mestrado em educação popular.

Gabi: Interessante. A senhora também está nesse mesmo grupo de pesquisa com a professora Ana Paula Romão?

M.M.: Eu acho que é muito bacana. Como nós somos Movimento Negro, tem outras coisas que nós vamos atravessando. Quando falamos lá do começo de 1993 como Movimento Negro, eu conheci no Teatro Cilaio Ribeiro. Nós fazíamos a disciplina Cultura Brasileira e precisávamos discutir. Então fomos conhecer o Cilaio Ribeiro, que tinha um grupo de capoeira. Mas esse teatro também era um ponto de encontro, então o Movimento Negro tinha uma sala lá – era uma sala da capoeira aqui e a sala do Movimento Negro ao lado. Nós pudemos treinar e conhecer Balula e o MN da Paraíba. Com esse trânsito, nós, desde sempre, assumimos essa capoeira como cultura negra. A partir de Balula, nós pudemos fazer, compreender a capoeira em uma perspectiva de responsabilidade com a cultura negra, com uma cidadania plena para todo mundo que vem da periferia. É preciso dizer esse lugar. Nós caminhamos junto a Balula, depois veio a pastoral.

É porque é muito tempo para falar de trajeto. Trajetória é coisa séria, por que vem o MN, nós não podemos esquecer depois do nosso caminhar junto à Pastoral Afro-brasileira. Junto com a Pastoral Afro-brasileira nós conhecemos a comunidade quilombola Caiana dos Crioulos. A partir daí, dá-se início às oficinas de capoeira, junto à pastoral. Nina, que era parte do nosso grupo, que veio dessa turma feminina, vai ser a primeira atendente do Disque Racismo, serviço que existiu aqui em João Pessoa, dentro da pastoral. Então



DIREITOS HUMANOS
E TRANSDISCIPLINARIDADE

nós sempre tivemos esse entrelaçamento com a questão do MN nessa cidade. Nós entendemos a capoeira como essa potência, de MN educador.

M.D.: E você também foi uma das pessoas que escreveu o Jornal Negra Voz.

M.M.: Sim, fui! Porque nessa época havia um boletim informativo que tinha essa preocupação de visibilizar a cultura para a sociedade. Então havia um jornal chamado Negra Voz e ele será pesquisado agora no programa de mestrado em Comunicação, porque uma aluna nossa, Thaíse Marques, ingressou no programa e a discussão dela será, justamente, em cima do Jornal.

Gabi: Onde circulava o jornal?

M.M.: Ele era colocado, acho que eram mil exemplares, e eles eram colocados nas escolas, na FUNJOPE, em escolas de samba, para que as pessoas conhecessem as temáticas que tinham a ver com o nosso povo. Eu acho que em 2003 ou 2002, eu comecei a fazer parte do jornal, por isso que eu volto para a Universidade. Eu fiquei até 1995 e fui embora fazer capoeira mesmo, viver e dar aula. Depois, eu volto para a Universidade, em 2005, por ter escrito esse Jornal. Eu passei 10 anos sendo “apenas”⁷ capoeirista e voltei para terminar o meu curso por conta desse Jornal, porque eu não podia assiná-lo. A professora perguntava “Por que essa menina não assina?”, e eu disse “Porque eu não tenho graduação”. Foi aí que ela disse “Vamos para a Universidade”. Nessa época, ela era reitora, Yara Matos, uma professora extremamente humana, porque ela tinha uma relação com a periferia, com a extensão, muito bacana. Ela possibilitou esse encaminhamento por compreender que eu estava nessa luta como uma mulher negra de periferia, capoeirista, e precisava voltar. As pessoas que abrem essas portas. Junto com Solange [Cavalcante] da Pastoral e, eu acho, que Wandinho [de Carvalho], do Movimento Negro, fez essa mediação. Foi isso. É importante.

⁷Mestra Malu deixou claro para a DHT que, durante o tempo que passou fora da Universidade, ela estava vivendo a sala de aula como capoeirista, aprendendo e ensinando a capoeira e pesquisando e escrevendo sobre capoeira, negritude e Movimento Negro no Jornal Negra Voz.



DIREITOS HUMANOS
E TRANSDISCIPLINARIDADE

Outra coisa que é marco e, eu acho que é importante dizer: eu fui Conselheira Tutelar do período de 2016 a 2020, eleita por um grupo de capoeira que dizia “Nós precisamos ter pessoas sensíveis, bacanas, da gente, lá dentro”. Eu tive a experiência de passar por essa política eleita pelo bairro. Isso nos marca enquanto essa ideia de uma capoeira como MN que entende que a saúde, a educação, o direito à cidade, está tudo interligado quando pensamos em uma cidadania plena para o nosso povo.



Mestra Malu concedendo entrevista à Revista DHT (Giovanna Ignowsky Borba/DHT).

Gabi: É muito interessante quando a senhora fala assim “Eu passei 10 anos sendo apenas capoeirista”. Eu acho isso muito bonito porque, realmente, estar na academia é algo que é muito bom, eu gosto de ser uma acadêmica, mas que é algo também muito violento em relação às nossas práticas – às nossas outras práticas.



DIREITOS HUMANOS
E TRANSDISCIPLINARIDADE

M.M.: É, nós estamos em 2023 e você faz um relato como esse, como esse espaço acadêmico que é violento para nós que viemos da periferia. Você imagina como era lá trás? Eu ainda fiz vestibular, venho de uma relação de família do interior. Os meus pais vêm do interior. Meu pai é analfabeto e minha mãe estudou até o 4º, 5º ano. Mas quem vem do interior tem outras práticas, então minha mãe me acordava lendo cordel. Era outra história, e meu pai dizia assim: “Você vai ser doutora, que é muito bacana. Eu não tenho condições de ir para escola, mas eu acho muito bom as letras”. Eles tinham essa ideia, então eu pude vim para cá. Mas aqui é muito violento para quem vem da periferia com pais analfabetos, então houve uma hora que eu achava que esse lugar me fazia ter vergonha de onde eu vinha. E eu tive um momento de choque muito sério sobre isso e, isso, é uma coisa que ainda hoje é difícil falar, porque é um lugar que nós precisamos estar. É um lugar que traz inserção para esse lugar, mas é um lugar que nos viola enquanto sujeito... Enquanto sujeito de uma família que aqui, às vezes nós estamos aqui, e é negado de onde viemos. Então, naquela época eu era muito novinha e não tinha, eu acho, que uma rede de apoio, que nós temos hoje no grupo Práticas Educativas Griô. Nós colocamos alunos aqui dentro juntos, mas nós temos uma rede que explica que essa Universidade não é pensada para nós, mas que nós temos que ocupar por que é para uma mudança, para uma mudança no poder desse país.

Se nós deixarmos só uma elite pensando, a periferia vai ficar sempre abaixo. Nós queremos uma horizontalidade. Se nós queremos inverter essa ordem de cima para baixo e deixar a ordem horizontal, é preciso estar dentro das Universidades.

Tanto eu, quanto mais da metade desse país, enquanto periferia, precisa estar aqui ocupando. Para mim, foi difícil. Houve um momento que foi muito interessante, eu disse assim: “Esse negócio não é pra mim não, não aguento mais”, e fui embora. E a capoeira me ensinou a ter orgulho do que eu sou, a reconhecer o lugar de onde eu vinha e me fortalecer, para depois voltar. Hoje eu volto diferente. Eu voltei, e muita gente voltou, para esse lugar e voltou trazendo o grupo de capoeira, porque eu compreendo a dor que é estar aqui.



Quantas vezes eu escuto de todos os meus alunos: “Mestra, aquele lugar dá vontade de ir embora, de correr e de ir embora”. Mas eu disse: “Nós temos que ficar, porque eu corri”. Porque houve uma época que não havia essa rede de apoio, você ficava aqui isolada e todo mundo tentando entrar numa engrenagem, e você dizia “Não, não é assim”.

Eu só fui reprovada em uma matéria. Eu gosto de estudar, sempre gostei de estudar, e a professora me reprovou por falta, não houve reprovação por nota. Depois de muito tempo, nós nos encontramos e ela disse para mim: “Eu achava que você não tinha interesse na matéria”. Eu respondi: “Não, professora, é porque eu morava no [bairro do] Cristo”, onde hoje é a prefeitura, mas na época era muito esquisito e eu precisava pegar ônibus depois das sete horas da noite. Por isso eu sempre chegava atrasada e ela achava que eu era desinteressada. Isso traz dor, porque é sempre o lugar da invisibilidade de quem vem da periferia. Parece que nós somos muito bacanas aqui e não é bem “Está muito bacana aqui”. Para nós estarmos aqui também é um esforço além do estudar, é um esforço de você dizer assim: “Eu posso”. Porque é uma sensação, às vezes, de ser expulso o tempo todo. Quando você tem uma rede, você diz “Ei, eu consigo”. Quando eu estava na Universidade sozinha, eu fui embora – a capoeira me ensinou a ficar mais forte e voltei. Isso é emocionante para mim porque, mesmo hoje, mesmo com todas as discussões e disputas de espaço e de currículo, o lugar da cultura, o lugar da cultura afro, eu sou um sujeito coletivo. Talvez sozinha eu não consiga, mas junto nós conseguimos. E a Universidade me ensinou o contrário. E olhe que eu era boa, todo mundo me dizia que eu era muito boa – eu sempre fui muito boa, mas era sozinha. E eu precisava me negar, eu precisava parecer filha de médica. Eu tinha uma professora que dizia que eu parecia filha de médica.

Então, quando você volta para as suas raízes, escuta um berimbau e escuta outras pessoas e vai entendendo de qual história eu faço parte, você volta para cá mais forte. Daqui ninguém me tira, é diferente. A partir daí nós vamos trazer outros.

Por que? Eu estive essa semana na minha periferia dentro da escola municipal e eu fiquei muito triste com o que eu vi, e acho que mestre Dário



divide essa fala comigo. Quando nós saímos da escola, em um dos horários fizemos uma atividade sobre consciência negra. É importante voltar para o lugar que nós estamos e nós voltamos para nossa periferia. E quando saímos da escola, nós vimos mais um aluno que passou por nós, por aquela escola, que estava catando lixo. E eu fiquei muito triste certa vez quando estávamos em um evento e um secretário disse: “Estou vendo aqui três gerações de catadores”. E Dário disse “Malu, não faz essa cara”.

M.D.: É que ele falou isso com orgulho.

M.M.: Com orgulho...

M.D.: Nós percebemos que existe a necessidade de quebrar um ciclo. Se o avô foi catador, se a mãe ou o pai é catador, que o filho tenha outra oportunidade, de estudar e de fazer outra coisa. Mas ele falou como se aquilo fosse uma herança boa. Os avós eram catadores, e catadores de dentro do lixão mesmo, de catar material junto aos animais, junto com porco e urubu.

M.M.: É, era outra realidade.

M.D.: A mãe e o pai passaram por essa realidade, a criança vive outra realidade porque estava catando na rua, já que o lixão havia sido desativado. Mas ele falava que era a terceira geração como se aquilo fosse uma coisa maravilhosa. E nós percebemos isso de outra maneira: não é. O que a mestra falou sobre essa experiência que nós tivemos de passar pela escola que foi a Frei Afonso, o que é que nós vimos lá: nós percebemos que a sala é climatizada, os estudantes têm *tablet*, tem uma lousa interativa. Eu dei aula nessa escola, a escola não tinha essa estrutura quando eu passei por lá há 10, 12 anos atrás. Hoje, tem. Mas nós percebemos que os estudantes de lá não tinham perspectiva de melhorar o futuro. Então eles não estavam nem aí para a estrutura, essa foi a percepção que eu tive. Eu fiz uma fala para eles, eu disse: “Eu sou nascido e criado nesse bairro aqui também. Eu andava por onde vocês andam hoje quando eu era mais novo, conheci isso aqui tudo. E quando eu estava estudando na fase que vocês estão hoje, havia um descolamento entre o ensino fundamental e a Universidade. Nenhum professor nos dizia que terminando aquele ciclo ali, nós iniciariamos outro na Universidade”. Não, na minha época era o segundo grau. Se terminou o



segundo grau, você terminou os estudos e ia trabalhar. Era isso que era ensinado para nós. E a triste constatação que nós fizemos ao olhar para a turma foi que, é como se eles não tivessem uma perspectiva de melhora no futuro. Nós estávamos comentando que para eles reproduzirem o que os familiares fazem não é preciso muita especialização. Não precisa. Então, assim, o olhar que eu tive foi esse: para quê que eu vou aprender de fato o que é geografia, história; para quê que eu vou fazer isso se no final eu já estou predestinado a repetir o que o meu avô e o que meu pai fizeram? Eu vou ser outro catador. Quando nós estávamos voltando para a escola, nós passamos por um aluno que foi daquela escola, praticou capoeira conosco e ele passou puxando um carrinho que ele estava indo fazer o trecho dele para catar lixo.

M.M.: Isso nos mobiliza a dizer: temos muito o que avançar ainda. Nós temos uma geração que, como mestre Dário coloca, precisamos mobilizar para uma mudança. Como é que nos mobilizamos com a mudança? Se chega tecnologia nas escolas, mas eu preciso trabalhar com as pessoas. No currículo, onde fica a cultura afro-brasileira? Onde fica a Lei 10.639/2003? É o lugar que entra a prática da cultura e eu posso pensar, *colar* – olha que interessante eu vou dizer *colar* – um pouco de nós sobre nós. Em resposta ao secretário eu fiz uma fala assim, eu sou meia danada, eu disse: “Eu conheço pais e avós aqui, são gerações de catadores. Nós temos que ter respeito e dignidade por quem trabalha, mas nós podemos ter no futuro um trabalho mais leve e dar uma dignidade outra aos nossos pais e aos nossos avós”. Então, a inserção nesse espaço educacional e trazer a cultura da capoeira para esses lugares é você ensinar a partir da nossa ótica, de que nós podemos. Eu acho que tem aluno que não aguenta mais você falar de povo negro a partir da escravidão. Isso não é bacana. É esse espaço de luta. Por isso eu disse, você chegar nessa Universidade estar “solta” é uma coisa. Mas você chegar nessa Universidade e ter grupos que te apoiam é diferente, nos faz firmar aqui. Eu acho que é isso que está acontecendo, nós estamos entrando, só esse ano como desdobramento do grupo, com 8 jovens.

M.D.: Pode parecer uma coisa besta mas ainda ontem, um aluno nosso, que tentou o ENEM várias vezes, começa hoje aqui na graduação em Pedagogia.



Ontem ele estava fazendo aula conosco e estava preocupado para saber qual seria a sala de aula dele. Ele é professor de capoeira e quem fará a recepção da turma dele é um outro aluno nosso, que entrou no período passado e que é um aluno novo na capoeira. Então esse menino aprende com ele lá na capoeira, mas chegando aqui, esse menino vai recepcioná-lo. Eu disse “É uma preocupação a menos, nós vamos estar por lá e ele vai estar por lá, é ele que vai recepcionar a sua turma”.

M.M.: Mas por que isso é possível? Eu acho que é muito importante marcar os lugares: 09 de janeiro de 2003, o primeiro ato do governo Lula foi assinar a Lei 10.639/2003. O que é que traz de diferença? A memória, eu posso conhecer os meus. Sabendo de onde eu venho, eu posso ficar mais forte para caminhar. Antes, as políticas do Governo Lula, que o pessoal criticou o Bolsa Família. Nós escutamos algo como “Bolsa do Gado”..

M.D.: Sim, acho que o nome era “Lei do Boi”, uma cota para filho de fazendeiro nas Universidades federais.

M.M.: Entende? Mas o Bolsa Família o pessoal criticou. Mas o que fez o Bolsa Família? Ele fez a Comunidade do S, fez a Comunidade Asa Branca... Deu uma virada na vida daquelas pessoas. E com a Lei 10.639/2003 possibilitou, mesmo que incipiente, começar uma discussão ético-racial dentro das escolas. Hoje nós observamos a mudança. Professor Bamba demorou 16 anos para concluir os estudos; Ryan, o filho dele, John, terminou o ciclo do ensino médio e entrou na Universidade no outro ano. Isso é uma mudança de país, isso é uma mudança de paradigma! Qual é o tipo de país que nós queremos? Qual é a sociedade que nós queremos e o que nós estamos fazendo para isso?

Gabi: A gente já está conversando e eu fiz outras perguntas. (Risos).

M.M.: É que você fala de trajeto, de trajetória – são as nossas narrativas.

Gabi: Só para que a gente não se perca mesmo, é uma pergunta que, de certa forma, vocês já responderam. Mas sobre essa questão dessa herança da desigualdade, trazendo também a questão dos Direitos Humanos em diferentes espaços, pensamos a seguinte pergunta: O conceito de Direitos Humanos, esse que aprendemos na educação formal, que é o mesmo DH



considerado pelo Estado, está muito vinculado ao conceito de cidadania que tem como base preceitos da colonialidade, um modelo de sujeito cidadão está preso ao sujeito colonial. E a capoeira tem suas bases no contexto da escravização de corpos africanos durante o processo colonizador, ela foi uma forma de luta contracolonial (SANTOS, 2015). *Nessa conversa entre capoeira e direitos humanos, como vocês localizam as suas trajetórias?*



Mestra Malu e Gabriela Novaes durante a entrevista (Giovanna Ignowsky Borba/DHT).

M.M.: Quando eu falei da Lei 10.639/2003, vou trazer essa Lei porque ela é muito interessante. Você falou da colonialidade. O Quijano⁸ vai dizer que é do ser, do saber e do poder. E a colonialidade do ser é exatamente tirar de nós os nossos heróis, as nossas referências. Quando eu olho para o passado e eu tenho o passado só do escravo, só do submisso, eu não tenho orgulho de ser, então como é que eu continuo? Quando nós pensamos na Lei que vai trazer a possibilidade de falarmos sobre nós, a partir do povo negro, ela nos possibilita compreender – eu acho isso muito bacana – que a capoeira é uma luta decolonial. Por que? Porque sempre foi contra o sistema opressor, sempre foi em busca de liberdade. E o que incomoda? Exatamente isso. Eu vou trazer as palavras de Letícia Reis, que ela diz assim, “Talvez a capoeira

⁸O autor peruano Anibal Quijano, em “*¿Qué tal raza?*” (2000).



seja preta demais para ser símbolo nacional”. Como assim, mestra? Se nós pensarmos no processo da capoeira, vamos fazer tanto na perspectiva acadêmica, de estudiosos, quanto na questão do mito fundador a partir dos capoeiristas. Nós vamos entender que sempre foi em ânsia de liberdade, em busca de liberdade. O que nós compreendemos é que essa luta começou lá atrás, mas ela continuou e continua. Se olharmos para o Código Penal de 1890, no início da República, nós estávamos em um artigo: vadios e capoeiras. Se o código imperial não nos citava diretamente, só dizia que os mendigos e vadios podiam ser aprisionados, já na República é colocado lá, ele nomeia a capoeira, a prática de capoeira. A capoeira sempre esteve nesse fio, nós sempre negociamos para nos inserirmos. É nas brechas, como coloca Brandão⁹, nas frestas nós fomos caminhando.

Se você deixava uma galera que se juntou, estava na Guerra do Paraguai, na Guarda Redentora, estava sempre em busca da liberdade, e agora está na República e eles continuarem ocupando espaços, vai haver revolta! O que eles fazem, então? Eles nos colocam de novo na desordem, eles nos tiram a possibilidade de se compreender como heróis, como lutadores. Não seria bom para um país que quer ser branco. A ideia era embranquecer. Se eu quero embranquecer, como é que eu vou dizer que os “neguinhos” são potentes? Sobre os Direitos Humanos nós vamos pensar na Revolução Francesa, vamos pensar também em uma escola brasileira que é herança dessa constituição francesa de “igualdade, liberdade e fraternidade”, e eu pergunto, para quem? De que modo? Nós compreendemos os Direitos Humanos a partir daí, e vamos falar sobre uma perspectiva nossa, da América Latina, uma perspectiva nossa do Sul, aqui do Brasil. É preciso compreender que esses direitos só podem ser plenos quando nós trouxermos políticas de afirmação e reparação histórica. Se o Brasil assinou o Durban em 2001, ele precisa hoje, como signatário, focar em políticas afirmativas.

Você pode falar: “É às avessas”. Nunca será às avessas porque quem está no poder é o povo branco, então não tem como fazer às avessas com

⁹Carlos Rodrigues Brandão, em “O Que é Educação” (1982).



quem está em cima. Nós precisamos dos Direitos Humanos para garantir a igualdade. E essa igualdade para o nosso povo não é concreta ainda, é sempre uma busca. Nós estamos avançando, estamos correndo. Como falam na periferia, nós estamos nos “corres” para essa busca, mas nós ainda não chegamos nesse lugar. Então é disputa, é sempre uma capoeira que busca. “Mestra, é todo e toda capoeirista que pensa como a senhora?”. Não! Alguns não tiveram acesso à escola, alguns talvez não tivessem uma mãe que lesse cordel. Talvez, o mestre Dário, como vem de uma periferia, os pais, o sacrifício que foi de Seu Francisco e de Dona Alice para o mestre Dário ingressar em uma Universidade. Alguns dos nossos capoeiristas tiveram a inserção no espaço educacional, quem consegue entrar no espaço educacional começa a refletir sobre as suas práticas e abrir o leque. Eu sou capoeirista, mas eu preciso compreender toda a formação desse país para compreender o poder de agência do povo negro, porque a escola sempre negou. Se nós não estudamos, achamos que não fizemos, quando, na verdade, sempre fizemos a história desse país. Nós levantamos essa cidade, levantamos esse país o tempo todo.

M.D.: Uma das coisas que nós, com frequência, fazemos dentro do grupo é justamente contar essa história. Eu ouvi Nêgo Bispo, ele tem uma fala sobre ser preciso contar a história do povo negro a partir das vitórias, porque o colonizador sempre contou sobre as nossas derrotas. Na capoeira nós fazemos isso também, trazendo a outra perspectiva dessa história. Por isso, nós até falamos da escravidão, mas não fala da escravidão enquanto um processo de submissão do povo negro. Sempre houve revolta, sempre houve fuga. Matava-se envenenado, matava-se com animais peçonhentos, se fugia para os quilombolas, voltava-se para libertar o outro. A capoeira é colocada dentro desse processo histórico como uma luta em ânsia de liberdade. Então nós, dentro do grupo de capoeira, temos trabalhado essa outra história. E, com isso, nós também vamos buscando fazer um trabalho de fortalecimento da identidade dos nossos alunos. A maioria dos nossos alunos são da periferia. Ontem, nós estávamos conversando e eu até brinquei: “Eu vou dar uma ‘nota quebrada’, porque o grupo está com muito universitário”. Nós



começamos a olhar e acho que são 12 ou 13 alunos nossos, hoje, na Universidade.

M.M.: Mas todos da periferia, que vieram das classes populares.

M.D.: E muitos deles, eles vêm da capoeira para a Universidade. Então, eu penso que isso é resultado de um trabalho que nós temos feito, dizendo: “Nós podemos”. A escola conta a história de um jeito mas nós, dentro da capoeira, contamos a história de outra perspectiva. Eu não sei o porquê, às vezes, nós entramos na Universidade, começamos a ter acesso a um determinado material que começa a questionar aquilo que nos ensinaram na educação básica mas, mesmo assim, quando chegamos nas escolas, saindo das Universidades, começamos a reproduzir o que o livro didático coloca. Eu acho que nós precisamos começar a quebrar essas amarras do livro didático. O livro didático está ali, mas eu vou trazer uma outra fonte e mostrar para os meninos: “Será que essa história aqui foi assim, foi só isso?”. Existe uma coisa que não é dita. Por exemplo, nós fazemos um trabalho no bairro do Roger. O nosso grupo começa dentro da Escola Piollin. A sede da escola hoje é no Antigo Engenho Paul, que pertenceu a um camarada chamado Henrique Mol. Se tem um engenho lá, havia pessoas escravizadas ali. Mas, ao lado da Escola Piollin está a Fonte de Tambiá, que fica dentro da Bica e é história indígena daqui da cidade e que as escolas do bairro não falam. Existem dois espaços com histórias muito boas para serem trabalhadas dentro dos espaços escolares e que as escolas não potencializam isso. Nós tratamos disso a partir da capoeira.

Gabi: É muito interessante o senhor falar isso. Eu lembrei de uma fala do mestre Renê, lá da Bahia, onde ele diz que a academia primeiro começa da teoria para a prática, que é o mesmo movimento do livro didático. O livro didático é um roteiro engessado que nós vamos seguindo e que já vem, nós sabemos, de cima. Ele parte de um currículo que tem um pé nessa colonialidade. O mestre Renê diz que a capoeira ensina ao contrário, que é exatamente isso que vocês estão falando, que se inicia na prática e, a partir disso, temos a possibilidade de teorizar. E não necessariamente precisamos teorizar, mas existe essa possibilidade dentro da capoeira.



M.M.: É de ponta cabeça, é inversão, é a bananeira.

Gabi: E isso entra na nossa segunda pergunta: Seguindo nessa pista da colonialidade, o conceito também traz um peso maior sobre os corpos que são jogados à borda e que têm suas culturas expropriadas, como se houvesse um peso maior sobre esses mesmos corpos, que têm mais deveres do que direitos. Isso me leva a pensar sobre como a vivência no espaço acadêmico tem também raízes coloniais e, a depender de quem ocupa aquele espaço, consegue operar pela continuidade e pelo aprofundamento da hierarquização de conhecimentos, de práticas... E no caso do senhor e da senhora, que estão neste espaço acadêmico, não apenas pensam e falam/escrevem sobre capoeira, mas a vivenciam. Vocês falam de capoeira, o que para mim é um ato de muita coragem, porque eu iniciei na capoeira antes de entrar na Universidade, mas até hoje eu tenho medo de trazer a capoeira para o meu fazer universitário. É um medo que adentra justamente isso que o mestre Dário falou, como se o fazer acadêmico “infectasse” as coisas. Eu acho incrível como vocês, enquanto mestres, conseguem fazer esse movimento de falar sobre o que vocês vivem e sobre o que há tantos anos têm construído. *Como tem sido esse diálogo ou confronto – ou disputa, que foi a palavra que a mestra utilizou – entre pedagogias e expectativas hegemônicas sobre como deve ser um pesquisador e como ele deve proceder? Levando em conta ainda que vocês estão nesse espaço, fazendo mestrado para serem mestres universitários, mas vocês já estão aqui enquanto mestres da capoeira.*

M.M.: Eu vou partir de um lugar de mestra Malu. Eu compreendo que é um lugar de negociação e, às vezes, nós “batemos de frente”, vamos para o conflito e nós estaremos sempre nessa disputa. Tem uma fala de um aluno que eu acho que é bacana, para você ver a síntese do que é a Universidade Federal da Paraíba – “Universidade Feita Para Brancos”. Foi uma coisa que um aluno meu falou.

M.D.: UFPB: Universidade Feita Para Brancos.

Gabi: E que, na realidade, faz todo sentido...

M.M.: Faz todo sentido, mas para você ver como o outro que chega observou esse espaço. Por isso é preciso ancestralizar esse encontro dos mais novos

com os mais velhos. É muito importante essa chegada dos novos alunos que vêm do grupo, que vêm com outra pegada, e que eles começam a refletir. Uma coisa tão simples, uma coisa tão na cara: “UFPB – Universidade Feita Para Brancos”. Isso mostra a necessidade dessas conexões. É isso que nos alimenta à continuidade. Eu sou uma pessoa muito pé no chão, eu estava aqui, eu entrei em 1991, fiz o vestibular ainda, e em 1995 eu estava para terminar a graduação e tive essa reprovação porque a professora achava que eu era rica. Ela não entendia que, por ser mulher, eu vinha de um lugar que tinha muito mato e eu precisava chegar mais tarde por conta do ônibus, que eu não podia chegar sozinha na parada de ônibus. O meu pai trabalhava e minha mãe estava dentro de casa, então não tinha essa possibilidade de chegar cedo.

Gabi: E esse tipo de situação ainda acontece bastante.

M.M.: Ela devia ter pelo menos me perguntado, certo? Quando eu descobri que estava reprovada por falta, não tinha mais o que ser feito. Eu só perdi uma disciplina no curso, para você ter noção. Isso bateu fundo. E na época eu já estava dentro da capoeira, tanto que o meu TCC era sobre capoeira e eu dei essa parada, eu vim para cá, para o lado de cá. E eu fui viver capoeira. As rodas, os encontros dentro da Pastoral e dentro do Movimento Negro, sabe? Nós tivemos o prazer de conhecer a juíza Rita Gadelha, que foi uma das relatoras do Estatuto da Criança e do Adolescente. Foi uma época em que todo mundo se encontrava e era muito forte essa questão do movimento social, do movimento cultural. Nesse período, eu comecei a escrever o [Jornal] Negra Voz, eu já estava no final do curso, só faltava defender o TCC.

Eu comecei então a escrever o Negra Voz, que era o Jornal da Pastoral. Isso sempre me manteve nesse lugar da escrita. Comecei a escrever os projetos do grupo, fazia matérias para os jornais da cidade, fazia os *releases*. Sempre me mantive nessa área da comunicação junto ao grupo, junto ao movimento. Mas chegou uma hora, eu lembro muito bem porque foi algo que me marcou. Nós estávamos em uma reunião na época, na Escola Piollin, com o movimento cultural da cidade. Isso me marcou. O pessoal de teatro, de circo, de audiovisual, estava a galera toda, porque era um momento

de encontro. Eu acho que, uma coisa que me angustiou, foi que eu e Dário falávamos e as pessoas não nos escutavam. E aquilo ali foi me dando uma angústia. Na época, nós tínhamos um professor da UFPB que era aluno nosso e nos acompanhou, o professor doutor Giovanni Boaes. Chegamos angustiados até ele e falamos: “Giovanni, participamos de uma reunião, falamos algumas coisas, mas ninguém nos escutou. Você pode ir como professor doutor da Universidade?” Acho que, na época, você ainda era professor e eu era instrutora.

M.D.: Eu ainda era professor. Giovanni passou mais de 20 anos conosco.

M.M.: Isso. Mas ele dizia assim, “Não, mas os capoeiristas são vocês. Vocês têm que falar”. E eu dizia: “Giovanni, por favor, você não entendeu. Eles não nos escutam, eu vou estar falando sozinha”. Então Giovanni disse: “Diga o que é para falar”. Nós dissemos, éramos do mesmo grupo, ele era aluno nosso, sabia o que nós falávamos. Houveram várias reuniões para discutir as políticas culturais e Giovanni foi. Incrível como as pessoas ouviram e começaram concordar. Quando nós saímos, eu disse: “Giovanni, eu vou voltar para a Universidade, eu vou ter títulos”. Eu vou voltar, terminar a minha graduação. Meu professor orientador era José Davi Campos_Fernandes, que na época era o diretor da gráfica universitária, nós sempre fizemos muitas potências. Professor Dinarte Varela Bezerra, nós chegamos a fazer vídeos até nas aldeias indígenas, pessoas muito fortes. Aí eu disse: “Professor, voltei. Eu preciso terminar o meu curso. Já havia acontecido esse momento de encontro com o MN aqui na UFPB, havia uma ação com a Universidade, e o pessoal sobre de mim para a professora Yara Matos, que era reitora e ela disse: “não, traga ela para cá, vamos ver como é que podemos fazer”, já que faltava só a defesa de TCC para me graduar.

Davi disse, eu lembro até hoje: “Ah, eu disse para você que ia precisar do título”. E eu disse: “Mas professor, o senhor disse que se eu precisasse, eu voltasse”. Ele aceitou me orientar, isso é importante dizer. Isso fez com que nós voltássemos para cá. Nós continuamos, já tinha um “time graduação”. Depois nós percebemos, de novo, que ter só a graduação não funcionava – ninguém escuta mais um capoeirista que só tem a graduação. Voltamos para



a Universidade para a pós-graduação para pesquisar, exatamente, capoeira. Eu não preciso da Universidade para validar minha prática, mas dentro de uma sociedade e em outros espaços acadêmicos, eu preciso dos meus títulos acadêmicos para validar a minha fala naquele lugar, a partir de outros teóricos. Então, nós vamos trazer justiça cognitiva. Você falou sobre Direitos Humanos – eu preciso de uma justiça curricular. Eu preciso compreender isso, senão, como capoeirista, eu não iria entender sobre justiça curricular. Como capoeirista, eu não iria entender sobre currículos em disputa. Eu precisava desse lugar para balizar essa entrada da capoeira nesses outros espaços. Nós trazemos as pessoas para a Universidade e dizemos assim: “Presta atenção! Se eu só tenho deputado branco, presidente – agora voltou Lula – branco, diretor de escola branco, diretor de hospital branco, tudo branco. Se a elite aqui [em cima] e a classe trabalhadora aqui [embaixo], como eu vou pensar em uma horizontalidade? Eles não vão pensar, porque aqui é privilégio, está tudo muito bacana. A branquitude vai discutir privilégio às vezes, outras vezes não, então vai ficar no poder. Nós vamos continuar aqui embaixo”.

Como é que nós conseguimos fazer, não é nem inversão porque nós não queremos ser brancos. Eu não quero ser opressora e nem o meu povo quer. Nós queremos respeito. Nós acreditamos que é isso, horizontalidade. Como conseguir isso? Trazendo as pessoas para cá, é isso. (Risos).

M.D.: O que a mestra fala é muito do que nós vivenciamos fora da Universidade para vir para cá. Houve um momento em que eu larguei a escola e fui praticar capoeira, porque eu queria começar a ministrar aulas de capoeira. Minha cabeça era: eu vou aprender, vou ficar bom de capoeira para começar a dar aula de capoeira. Com 17 anos eu joguei o ensino médio “para cima” e fui treinar. E, com 21 anos, eu comecei o trabalho de capoeira. E fomos levando. Só que houve um momento em que, trabalhando nesses projetos sociais que eu falei, foi cobrado que nós tivéssemos pelo menos o ensino médio completo. Eu parei um pouco aquilo que eu estava fazendo, depois de 10 anos fora da escolarização formal. Eu estava andando com o pessoal do movimento da capoeira, lendo outras coisas. Eu voltei e fui



entender, aqui na Universidade, que eu concluí o ensino médio dentro da modalidade EJA. Eu fiz o que o pessoal chama lá fora de supletivo, aqui nós chamamos de EJA. Fiz um cursinho de 4 meses, fiz a prova e obtive a aprovação. Naquele mesmo período eu tentei fazer o que chamavam de PSS (Processo Seletivo Seriado). Deu errado porque alguns carros quebraram na entrada da UFPB e eu não consegui chegar aqui e fui para a praia.

(Risos).

M.D.: Isso depois de 10 anos sem estudar. Depois desse dia, eu passei mais 10 anos, então foram 20 anos ao todo sem estar em sala de aula, da educação formal. Em 2014, eu consegui ingressar na Universidade. Eu entrei aqui sabendo que eu queria estudar alguma coisa ligada à capoeira, mas não sabia o que, nem como abordar, nem nada. Mas com o passar do tempo, você vai entendendo e achando o caminho. Qual era o desafio aqui dentro? Era fazer com que as pessoas comesçassem a compreender que a capoeira tinha um processo educativo, um processo formador. Cursando aqui no CE, eu cheguei a ouvir de um professor que ele não via educação na capoeira.

M.M.: Eu também, muitas vezes.

M.D.: A única resposta que eu dei para essa pessoa foi assim: “Engraçado que existe um mestrado e um doutorado em andamento aqui. E houve uma apresentação de pós-doutorado, do PPGE aqui, que teve como temática a capoeira, cuja pessoa que acompanhou foi o professor Charliton”. Mesmo assim eu fui ler um monte de coisa.

Gabi: É porque depende de quem fala sobre. Se a capoeira for só o objeto e quem estiver pesquisando não estiver envolvido, está tudo certo. Mas se você for um capoeirista parece que se deslegitima totalmente.

M.D.: Sim, é tranquilo.

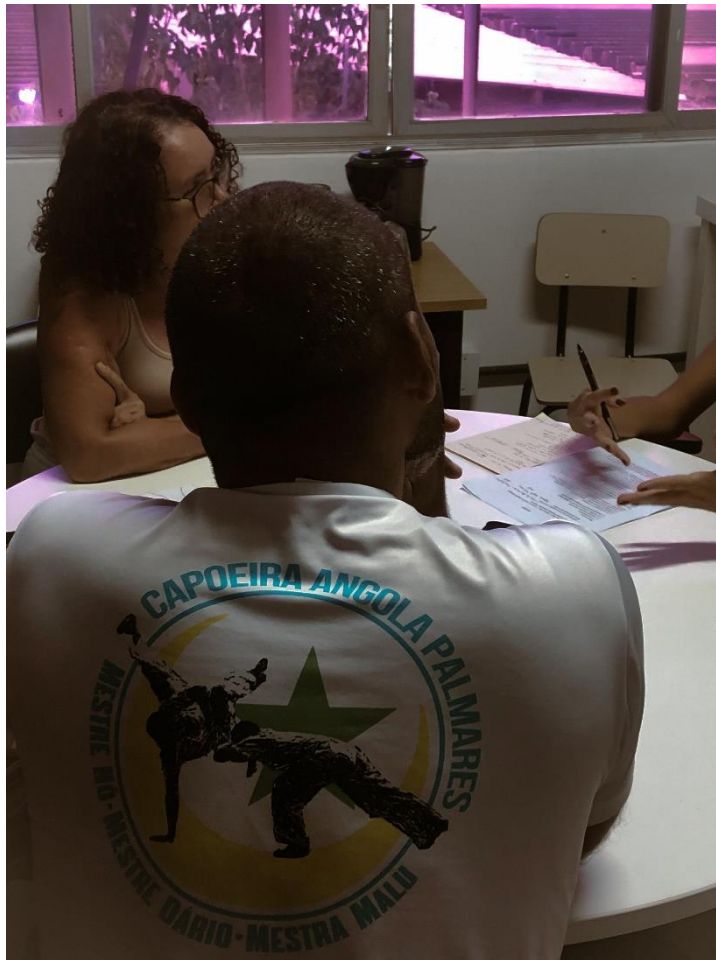
M.M.: A militância não é mais bem vista.

M.D.: E o que é que acontece? Eu saí da sala e encontrei um professor meu no caminho, era o professor Lúcio Aragão que eu já havia tido contato, e existe um grupo chamado Afroeducação. Eu não era estudante daqui ainda, mas eu tive a oportunidade de ter contato com ele e com a professora Ana Paula Romão. Quando eu saí dessa aula, eu encontrei com ele no corredor, contei



DIREITOS HUMANOS
E TRANSDISCIPLINARIDADE

da situação para ele e ele disse assim para mim: “Dário, cite o primeiro artigo da LDB¹⁰ e acabou, não tem mais conversa”. E eu fui para a LDB e vi o que era e pensei: “Vou pegar ele”. Peguei o artigo, recortei, deixei guardado e passou. Mas fora isso, eu fui ler um monte de trabalho sobre capoeira e educação, para poder elaborar o trabalho de conclusão dessa disciplina. Esse foi um primeiro momento aqui na UFPB. Outra coisa, é nós acharmos os parceiros aqui dentro desse espaço.



Mestre Dário e Mestra Malu concedendo entrevista à Reviista DHT (Giovanna Ignowsky Borba/DHT).

M.M.: Muito importante.

¹⁰Art. 1º da Lei nº 9.394/1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional: “A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais”.



M.D.: A professora Ana Paula Romão é uma parceira incrível aqui dentro. Não só minha, mas de muito estudante de periferia que estuda a temática.

M.M.: Pedagogia do Campo também, certo?

M.D.: Na área de Pedagogia do Campo, também... Se for algo que lhe representa, por exemplo, a capoeira, a professora Ana Paula ministra uma disciplina de educação e das relações étnico-raciais, e ela orientou muito trabalho na área de Pedagogia do Campo. Mas, quando eu vim para o grupo de pesquisa, ela topou orientar o nosso trabalho sobre capoeira. E nós percebemos que a professora Ana Paula foi ler sobre capoeira para compreender capoeira.

A “tesourada” agora: nós concluímos a graduação, entramos na pós-graduação. E na pós-graduação, eu comecei a compreender que o meu projeto foi aprovado porque houve uma professora que teve o engajamento e disse “Eu vou orientar esse rapaz”. Eu comecei a entender que essa professora, a Maria de Nazaré Tavares Zenaide, se ela não tivesse esse engajamento, muito provavelmente eu não teria entrado na pós.

M.M.: Ela é referência para os Direitos Humanos aqui na Universidade.

M.D.: Depois, ela conversando comigo, ela disse “Dário, eu resolvi lhe orientar por engajamento, é uma questão pessoal minha. Eu disse que eu vou orientar, o trabalho está bom, é um mestre de capoeira, então eu vou orientar”. E pegou o trabalho. Mas se não fosse pela atitude dela, muito provavelmente, eu não teria ingressado. Por que? Porque essa é uma temática que não interessa a quem está dentro da pós-graduação.

Qual é a outra problemática que nós temos quando estamos cursando as disciplinas? É que [os docentes] vêm lá com um plano de curso formatadozinho. Eles trazem o material. Nós lemos o material deles, só que eu leio outra coisa a mais. E o que eu leio começa a desdizer o que eles trazem. Só que, como tem um monte de doutor e pós-doutor na sala de aula, parece que o que nós dizemos não tem legitimidade. Nós encontramos esses empecilhos lá dentro também. Estar aqui, estar estudando aqui é uma luta sempre. Eu acho que nós só vamos, talvez, passar a ter de fato autoridade sobre o que nós falamos com o título de doutorado. Você vai bater de frente



DIREITOS HUMANOS
E TRANSDISCIPLINARIDADE

com eles, porque se a titulação máxima aqui é o título de doutor e você também já é doutor, então, nessa área aqui, eu sei do que eu estou falando. Mas uma outra coisa que eu ouvi também aqui nos corredores é que “Agora você será mestre de verdade”. Eu também já ouvi isso aqui.

M.M.: É muito complexo isso.

M.D.: Eu estou ministrando aula de capoeira, são 25 anos de grupo de capoeira. Qualquer estudante que não tenha essas necessidades que nós da periferia temos, com 25 anos em sala de aula, ele conclui todo o ciclo educativo dele. Ele chega no doutorado. Se nós pararmos para ver, com 25 anos a pessoa concluiu o doutorado. Eu estou em sala de aula ministrando aula de capoeira há 25 anos. Eu tenho mais tempo de prática. Assim, nós temos um conhecimento prático muito grande, porque fazemos e fazemos de novo e fazemos todos os dias, e toda semana. São 25 anos, é constante. Aqui na Universidade, na periferia. Eu viajo, eu ministro aula, faço aula com as pessoas e nós falamos o tempo todo que nós ensinamos e aprendemos na capoeira.

E aqui, é assim. As pessoas falam que são freirianas, mas eles não se abrem para orientar uma temática que esteja fora do campo de estudo deles. Por exemplo, a Lei de Cotas foi aprovada e traz um monte de gente da periferia para dentro. Nós deixamos de ser objeto de estudo para sermos produtores dos estudos sobre nós. Mas, quem está aqui costuma nos olhar enquanto objeto de estudo. Os caras descem para a periferia para nos ver como exóticos. Mas o exótico agora vem para cá para produzir conhecimento. Porém, quando você começa a produzir conhecimento, eles dizem “Não, mas eu não estudo isso que você quer não”, e começa a lhe barrar. Assim, nós precisamos, às vezes, encontrar quais são as ilhas que nós temos aqui dentro de suporte e de apoio. Existem pessoas aqui que, hoje, eu consigo visualizar de forma melhor. Tem o professor Diego Reis que chegou, o professor Yan Santos, que chegou agora também. A professora Ana Paula, que já está aqui há algum tempo. Existem alguns professores que se nós olharmos, nós vamos conseguir caminhar junto com eles. Mas tem uma galera aqui que acha que a pós-graduação não é para nós. Que, no máximo, o que nós podemos fazer



dentro de uma pós-graduação, é o mestrado, porque doutorado não é para todo mundo. É uma galera que está dentro de um CE. O curso de Pedagogia não é um curso de status quo elevado, não é. No meu caso, Pedagogia foi primeira e segunda opção de curso. Mas na minha turma, Pedagogia, às vezes, havia sido a segunda, terceira opção das pessoas. As pessoas quando olhavam pelo Sisu lá, que a nota não daria para entrar em Direito ou em Medicina ou em Odonto, e dizia: “Pedagogia, dá”. Então entraram e não concluíram o curso. Para mim, foi a primeira e segunda opção. Não é um curso de grande prestígio social, mas a galera não quer saber disso não, eles botam o “pé no bucho”. O que nós percebemos muito é que eles querem poder descer, ir na periferia ou ir no grupo de capoeira, e produzir seus trabalhos para continuar ilustrando o seu Lattes. Mas eles começam a ter bairrismo conosco quando começamos a acessar os espaços e começamos a dizer “Eu vou falar do trabalho que eu faço”.

E tem uma outra coisa, nós conhecemos a professora Rita Gadelha, conhecemos João Balula, conhecemos a galera do movimento negro. Quando resolvemos estudar a temática, nós conseguimos chegar aqui. As pessoas não nos veem como um elemento estranho.

M.M.: Só para ilustrar: nós tivemos uma discussão sobre a política de cotas aqui no PPGE e pudemos trazer Socorro Pimentel, toda a geração do MN dessa cidade para a UFPB. Trouxemos a professora Ivonildes Fonseca, que hoje é vice-reitora da estadual. Por quê nós trouxemos essas pessoas? Por que elas nos compreendem como parte da luta.

M.D.: Essas mesmas pessoas estavam aqui quando Daniele¹¹ defendeu a dissertação dela. Todas as pessoas do movimento vieram aqui para dentro. Aqui dentro, como existem muitas ilhas, eles vão lá [na periferia], fazem as suas pesquisas, voltam e não nos dão retorno. Nós conseguimos trazer as pessoas para a discussão do PPGE. Daniele quando foi defender a dissertação dela sobre invisibilidade do MN na Paraíba, o MN veio para cá. A mesma coisa foi a defesa do TCC de João [Xavier]¹², onde várias pessoas

¹¹Aluna do Grupo de Capoeira Angola Palmares.

¹²Aluno do Grupo de Capoeira Angola Palmares.



estavam presentes. Nós conseguimos aglutinar, conseguimos trazer. Eu penso que quando um de nós consegue dar esse espaço, é como se cada um de nós desse um passo à frente também. Quando João concluiu o TCC e quando Daniele concluiu a dissertação, temos certeza que cada um de nós se sentiu representado ali. Nós temos um pedagogo, uma mestra em educação, é uma vitória para cada um de nós. E nós colocamos que isso é uma grande responsabilidade para quem está conseguindo acessar e concluir a graduação ou a pós-graduação nesses lugares, porque se torna referência para quem não chegou ainda nesses espaços. Dentro do nosso grupo, 8 alunos estão ingressando na Universidade neste ano.

M.M.: E mais 3 no mestrado.

M.D.: A nossa conversa com esses alunos ingressantes é a seguinte: vocês têm uma grande responsabilidade, porque vocês serão referência para quem não chegou ainda. Vários de aluno nosso que está no ensino médio, vocês têm uma grande responsabilidade de fazer e de dizer: “É possível, porque eu entrei. O que você precisa? Vamos fazer juntos”. O que nós percebemos é que as pessoas se inscrevem no ENEM mas depois vem o o Sisu, e nós não temos orientação para fazer a orientação no Sisu para saber qual o curso.

M.M.: Nós trabalhamos com autonomia e dizemos para eles como fazer, mas quase todos voltaram até nós com dúvidas. Na segunda vez, fizemos juntos.

M.D.: Nos sentamos juntos, lemos o edital, vimos quais as documentações necessárias. Por ser a segunda tentativa, se algo desse errado, eles perderiam a vaga. Nós percebemos que cada um de nós que dá esse passo para dentro da Universidade, precisa arrastar outras pessoas. O fato de nós termos conseguido entrar na Universidade estimula muito os nossos alunos. E como há muitos dos nossos alunos acessando esse espaço, acreditamos que outros se sentirão estimulados a fazer o mesmo. Essa é a nossa perspectiva de trabalhar com capoeira. Não estou falando que todos os grupos de capoeira são assim, até porque, existem grupos com integrantes bolsonaristas, racistas...

M.M.: Existem grupos de capoeira gospel.



M.D.: Eu falo isso porque já presenciei cena de racismo, de racismo religioso em roda de capoeira. Inclusive, aconteceu esse ano, em uma atividade nossa. Eu tenho certeza que não são todos os grupos que trabalham nessa mesma perspectiva que nós trabalhamos. Alguns sim, têm esse compromisso e fazem esse trabalho. Mas outros grupos, não. É só “perna para cima, perna para baixo” e acabou.

Gio: Como se fosse apenas uma ginástica.

M.D.: É!

M.M.: E isso acontece quando se descola a prática da capoeira do MN. A Nilma Lino Gomes coloca que, para ser considerado Movimento Negro Educador, precisa existir a intencionalidade de combater o racismo. Nós conhecemos a capoeira dessa forma, junto ao MN, e não há outra forma de conhecê-la. Isso nos atravessa o tempo todo.

M.D.: O MN aqui ele surge, ele é estruturado a partir da capoeira. Zumbi Bahia vem para cá e quando inicia a fazer o seu trabalho com maculelê, samba, dança afro, capoeira, o que as pessoas mais antigas falam é que ele tinha um profundo respeito com a cultura negra. Para ele, não bastava jogar a perna para cima, era preciso conhecer a história. A partir daí o MN começa a se organizar, e articular. Quando nós começamos a praticar a capoeira, foi em uma sala vizinha à sala do MN. Nós tivemos oportunidade de conviver com essas pessoas.

M.M.: Nós estamos falando da época de 1990, se pensar que no final da década de 80 houve a abertura democrática e a organização do MN. A capoeira vai passar, na mesma época, por um processo chamado de “reafricanização”, através da aproximação com o MN. Estávamos, então, ao lado das pessoas do MN. Não havia não como não ter marcado em nós essa caminhada junto a eles no combate ao racismo. Em todas as suas perguntas, nós sempre vamos caminhar para além da roda. Mestre Nô fala: capoeira na roda, capoeira na vida. Nós compreendemos capoeira como um movimento existencial, é meu gesto, é a minha fala, é o meu corpo; ela fala de onde eu venho, do que pretendemos enquanto utopia de transformação. Essa utopia seria o nosso desejo de estar nos lugares, é só o que queremos. Nós sabemos



que o corpo de um capoeirista, de uma mulher negra, de um LGBTQIAPN+ em uma Universidade federal, incomoda. Nós conseguimos ocupar, mas como?

Eu vou trazer o que você falou da lógica invertida, porque é realmente uma inversão mesmo. Eu digo que a ginga é feminina! Você ficar de cabeça para baixo, fazer um rolê e pensar que está girando no mundo, é inverter essa lógica capitalista. Qual a outra lógica que precisamos ter? A dos povos originários e do povo preto. Não tem outro lugar para irmos enquanto fonte manancial de vida. Na capoeira nós nos encantamos porque aprendemos a ser. Você pode ser o melhor jogador, o melhor tocador de berimbau, mas sozinho, você não é capoeirista. O capoeirista existe na relação com o outro, é um sujeito coletivo. Para que eu jogue é preciso que alguém toque e que o outro cante. Isso é a roda de capoeira, é extremamente coletiva. O que conseguimos a partir da experiência na nossa linhagem é compreender que nós não viemos sozinhos, pois sempre veio alguém antes de mim. Por isso o respeito aos mais velhos é tão importante. Na presença do mestre Nô, nós nos tornamos contramestres, porque foi assim que aprendemos. Não haver hierarquias porque não estamos longe deste mundo capitalista já que fomos formados dentro dessa cultura, mas provocar e questionar o patriarcado e as hierarquias, a verticalidade e as questões de classe dentro do grupo, é um processo que nos cobra uma experiência coletiva. A roda de capoeira precisa estar aberta para uma outra experiência coletiva, onde as pessoas se compreendam e se comunguem, não como uma caridade, mas como luta.

M.D.: Nós tivemos a oportunidade de participar de uma atividade alguns dias atrás, onde aconteceram algumas apresentações, dentre elas, de capoeira. Eu comentei com mestra Malu: “Parece que estou vendo agora o que eu vi há 30 anos atrás. Vendo as pessoas fazendo agora o que era feito antigamente, utilizando o som mecânico para fazer uma roda de capoeira”. Quando eu iniciei na capoeira, havia muito disso aqui. Como eu falei anteriormente: na capoeira tem tudo. Tem machismo, tem homofobia... Mas nós precisamos parar e interpretar as nossas práticas. Às vezes, durante a aula, eu paro e peço que escutem o que está sendo cantado na música: “Vocês estão



entendendo o que está sendo dito ali? Isso é uma música racista. É uma música que não cantamos em roda”. Ou chamo atenção para uma música machista e como precisamos tomar cuidado para não reproduzirmos aquilo. Quando estivemos nessa apresentação, começamos a observar que o que estava sendo feito lá, era o que havia sido feito aqui há 30 anos atrás.

Quando falamos para olhar para essas práticas é para conectar a capoeira com outros espaços. Porque se ficarmos fechados apenas no nosso espaço, talvez tenhamos muita dificuldade em parar para pensar o que temos feito, o que temos cantado. Nós temos a necessidade de dizer: não sou apenas eu, sou eu com o mundo. Às vezes, chegam pessoas com outros conhecimentos que podem agregar com a capoeira. Por exemplo, houve uma atividade aqui na UFPB no começo desse ano, se não me engano, onde trouxeram um mestre de capoeira que falou que duas mulheres não começam uma roda de capoeira. Outro exemplo é uma aluna nossa, que tem entre 9 e 10 anos, que disse que na escola dela um menino lhe contou que não existem mestras de capoeira, apenas mestres. Eu contei para lá que não é verdade e no Grupo Palmares você tem 5 mestras, e que, provavelmente, no grupo dele não há mestras e acabou generalizando. Mas no nosso grupo, tem. Esse tipo de fala nós percebemos que é uma reprodução de machismo.

M.M.: Talvez, há alguns anos atrás, uma mulher não pudesse começar uma roda de capoeira angola, pois não havia mulheres mestras. Mas hoje, como a mais velha, eu posso iniciar uma roda. Porque normalmente, na tradição da capoeira angola, a roda começa com os mais velhos e as mais velhas. Por isso nós falamos da necessidade de políticas afirmativas, de repensar as nossas próprias práticas, é resultado de uma cultura machista, colonialista, temos tudo isso. Como a capoeira irá nos fazer mexer tudo isso, nos mobilizar para essa mudança? Quando pararmos e refletirmos sobre o que fazemos diariamente. Cabe dizer hoje que uma roda de capoeira angola não inicia com mulheres, se hoje temos mestras? Se juntarmos hoje, no mundo todo, temos 250 mestras de capoeira. Na Bahia, só temos 53 mestras formadas.

M.D.: Existe um evento de capoeira que acontece em Salvador só de mestres de capoeira. O Mestre Nô deu um curso nesse evento para mais de 150 mestres.

M.M.: Um curso para 150 mestres na Bahia, em 2023. Enquanto temos apenas 53 mestras na Bahia, segundo os dados da tese “Trajetórias Formativas e Registros Biográficos de Mestras de Capoeira”¹³, que são do ano anterior. Estamos falando do Estado de maior referência da capoeira no Brasil.

M.D.: Existem mestras de capoeira, mas quando uma criança tem uma fala como essa, não é do nada. Ela ouviu um adulto falar e acabou reproduzindo em outros espaços. Por isso nós dizemos aos nossos alunos a importância de prestar atenção nas práticas cotidianas. Capoeira não é só pernada. Não temos que ser capoeiristas apenas no momento em que o berimbau toca. É preciso conectar a capoeira com outras coisas. É ser capoeirista na roda mas, quando termina ali, não mais a roda de capoeira – nós precisamos dialogar em outros espaços. Se é possível conectar com capoeira, nós o faremos. Mas se não, nós precisamos conseguir entender o que está sendo falado.

Gabi: A próxima pergunta vai bem nesse lugar que vocês têm falado, que envolve essa trajetória também da criança. Há muitas crianças no grupo de vocês, e ali se torna um espaço onde elas crescem, um espaço de criação. No canto, na queda, na subida, a partir do palmo que encosta no chão da história, a capoeira é ação-reflexão, educa e transforma as vidas que se inserem nesta roda. Ao ritmo, pode haver suor, cansaço e fadiga física, psicológica e espiritual. A intelectual lésbica, negra, feminista e socialista estadunidense, Audre Lorde, no seu livro “Sister Outsider”¹⁴, nos ensina que é uma armadilha cruel pensar que é tarefa do oprimido a conscientização do opressor... *Além de resistir, ainda necessita educar aquele que lhe oprime? Seguindo essa linha, por onde atravessa o esforço coletivo do grupo de capoeira perante a resistência política e o autocuidado diante do racismo, do*

¹³Ábia Lima de França, 2022.

¹⁴Obra de 2007.



DIREITOS HUMANOS
E TRANSDISCIPLINARIDADE

sexismo, da intolerância religiosa e de tantas outras ferramentas que ainda partem da casa-grande?

M.M.: Sobre a criança, em algum momento nós começamos a proposta do grupo era de fazer uma roda que fosse ponto de encontro de pessoas. Nós achávamos que a coisa mais importante era fazer essa roda como um lugar de encontro de gente que viesse de vários lugares e que fosse além dos becos e das ruas do Baixo Roger e das comunidades. É importante destacar isso porque não é uma questão de educar o opressor, não acho que seja isso, é uma questão de afirmar a nossa existência. Quando estamos com uma criança, o que nós buscamos é que ela compreenda que não somos pobres por que deus quis, não moramos na favela porque é bacana morar na favela, não é romântico ser pobre, mas é a ausência do Estado brasileiro que nos negou no período pós-abolição cidadania. Isso parece uma fala muito acadêmica, mas não é. Nós falamos isso constantemente, para todas as gerações. Desde 1998 nós falamos dessa forma: o estado brasileiro nos esqueceu e nos abandonou de propósito, porque ele quer um país branco. Mas o plano não deu certo e continuamos existindo. Cada vez mais, nós compreendemos esse lugar.

Quando ensinamos uma criança a fazer um “macaco”, a fazer um “aú”, ela começa a acreditar em si mesma – isso é muito importante. Luan, um menino gordo de 8 anos, iniciou a fazer capoeira conosco. Em um treino específico, colocamos uma corda no chão para ele fazer o aú, pois ele não conseguia levantar as pernas. Hoje ele faz o aú facilmente. Ele fez uma fala muito bonita sobre o grupo, acho que no começo desse ano, em uma entrevista. Alguém perguntou para ele o porquê dele fazer capoeira. A resposta dele foi: “Porque aqui eu aprendi o respeito”. Em uma outra entrevista, outro aluno nosso de 8 anos, Christoffer e ele disse assim: “Ah, faço capoeira há muito tempo e eu gosto porque nós nos encontramos para conversar”. Isso é muito forte. Você compreende que para essa criança, nesse lugar, a capoeira é uma conversa que faz ele se sentir respeitado. A criança então vai entendendo essa outra lógica e começando a firmar a identidade, para hoje estarmos com uma geração no bairro do Roger que, mesmo com a



presença de várias igrejas evangélicas, eles conseguem respeitar o trabalho da capoeira. Porque nós dizemos às pessoas que, mesmo elas não fazendo capoeira, elas serão bem vindas nessa roda, mesmo que só para olhar, para deixar seus filhos conosco. Nós estamos dando de volta uma esperança para além daquele lugar.

A nossa luta é a seguinte: eu não tenho que educar a classe dominante não, porque eles sabem e compreendem, mas eles não querem que nós entendamos. Algumas pessoas já têm entendido e tem se dito “eu sou favela, eu sou preto, eu sou gordo, eu sou LGBTQIAPN+, estão dizendo, nós somos. Quando começarmos a cada vez mais ocupar os espaços de poder e conseguirmos conectar essas pessoas da favela, dos quilombos, dos assentamentos, nós vamos compreender que esse país é nosso. Nós não precisamos educar o branco, mas nos educarmos. O branco só se educará quando reconhecer os seus privilégios e ser o nosso aliado. O branco não é o meu inimigo, nem de nenhum capoeirista mas o racista o é. É preciso fazer esse processo de afirmação com as crianças, no cotidiano, levantando as pernas, tocando berimbau, no escutando, porque as crianças precisam escutar. Nós adultos vamos fazendo o Orí, de cabeça, vamos Orí-entando para termos, talvez, outro corpo vivido, menos brutalizado. Fanon¹⁵ diz o seguinte: “Uma sociedade racista tem um rosto embrutecido”. A sociedade brasileira ainda tem um rosto muito embrutecido, ainda nos é negado o sentimento de ser gente. Tem gente que não se sente gente.

M.D.: Com racista não existe diálogo, existe denúncia. Ponto. Com relação a quem caminha conosco, é preciso perceber qual o nível de consciência do opressor está dentro de nós, porque como somos educados dentro de um sistema racista, nós acabamos reproduzindo o racismo, mesmo tendo a pele preta. Nós tivemos algumas falas duras esse ano dentro do grupo, porque ali não é um espaço de criação de racistas. Eu disse para os alunos: “Se vocês trocarem xingamentos como macaco e urubu, nós vamos parar a aula, porque não podemos crescer dessa forma. Enquanto vocês são crianças, podem se

¹⁵O autor martinicano Frantz Fanon, em “Pele negra, máscaras brancas” (2020).



reeducar. Quando forem adultos, isso é crime”. Recentemente, houve um ato de racismo contra o nosso grupo e a nossa postura foi denunciar, não dialogar. Mas com quem está caminhando conosco, a postura é outra. É conversar, perceber qual o nível de consciência que o opressor tem dentro de nós e tentar minimizar isso.

Em uma conversa que tivemos após uma aula de capoeira, uma aluna nossa me contou que um menino a chamou de “cabelo de bucha” na escola. Passou um determinado tempo, havíamos mudado de assunto, e ela trouxe novamente essa lembrança e chorou mais uma vez. O racismo dói. Essa menina tem consciência do que ela passa. Mas, às vezes, o maior problema é que o opressor, o agressor é alguém que tem a pele preta. Quando alguém que treina conosco tem essa postura, nós vamos tentar reeducar essa pessoa, porque ele guarda dentro dele parte da consciência do opressor, isso é o que nos é ensinado. Tem uma música de capoeira que diz assim: “Ouvi dizer, amor, ouvi falar, a filha chamou mãe – cabelo de arapué”. Eu disse: “Nós não cantamos isso em roda”. Outra música diz assim: “Quebra milho como gente, macaco”. Isso é racismo, nós não vamos cantar isso.

A capoeira reproduzia isso. Hoje, nós buscamos não reproduzir, mas para isso, precisamos entender o que é racismo. Grande parte do que fazemos hoje é tentar desconstruir dentro de nós mesmos essa consciência do opressor. Isso é algo constante, diário, porque a televisão nos bombardeia constantemente com esse tipo de informação. E ela educa, muito. Uma criança que vai treinar e fica conosco de 2 a 3 horas, de 3 a 4 vezes por semana, diante a exposição que ela tem em casa, na escola e na rua, é muito pouco tempo. Nós tentamos fazer de uma forma que ela aprenda, sinta prazer em aprender, comece a tomar consciência e diga que não podemos reproduzir. Uma coisa sou eu falar ou a mestra, mas quando ambos falamos e outras pessoas também falam, nós criamos um ambiente afroacolhedor.

Para a maioria de nós, a primeira experiência racista foi vivida dentro da escola. Eu estava esses dias pensando e a primeira lembrança que eu tenho de ter sofrido um ato de racismo foi dentro da escola. Até então, eu não tinha elementos para interpretar aquilo como racismo. Foi agora, em 2023,



DIREITOS HUMANOS
E TRANSDISCIPLINARIDADE

que eu parei para pensar e entender que foi racismo o que passei na escola. Eu tinha 8 anos. Mestre Malu tem uma aluna, retinta, que sofreu muito racismo na escola. E a mestra falava constantemente para as crianças que tinham a pele menos escura defendê-la. Recentemente nós reencontramos essa menina, hoje ela tem uma filha, também retinta, e ela nos contou que sente um aperto no coração toda vez que a menina vai para a escola, com medo que ela passe por tudo que ela passou quando foi criança.

Quando essas crianças que estão na escola estão na capoeira conosco, nós tentamos fazer o nosso trabalho. Mas para isso, primeiro eles precisam reconhecer quem são: “Quem é o seu pai, o seu tio, o seu irmão?”. O meu pai é um homem negro retinto, a família dele também é, mas ele fala de uma bisavó indígena. A minha mãe tem uma pele mais clara. Mas eu sou negro, assim como meus irmãos. Meu filho Gabriel, como dizem, puxou à mim. Mas as minhas filhas puxaram a mãe. Isso significa que o único filho preto na minha casa é Gabriel e as nossas filhas são brancas? Não.

M.M.: Eu me autodeclaro como uma mulher negra de pele clara, então as nossas filhas têm essa consciência. Se nós somos de famílias negras, como podemos ser brancas? Todas elas se assumem como mulheres negras de pele clara, porque é necessário estarmos juntos nessa luta.

M.D.: Assim, não é que nós iremos educar o racista, nós vamos trabalhar com aqueles que estão entre nós e que guardam em si um pouco da consciência do opressor, para que percebam isso e se tornem, a cada dia, livres do opressor.

M.M.: A luta é essa. Nesse país, nós precisamos de uma grande revolução e a educação é um desses caminhos. Nós precisamos lutar pela mudança nos currículos das escolas, mas grupos como o nosso, entre outros, cumprem esse papel de realizar uma educação em Direitos Humanos para a luta. Nós compreendemos que precisa existir luta. Com racista é denúncia, se uma criança for abusada, é denuncia. A denúncia é uma arma que temos hoje. Hoje, com as redes sociais, nós vemos discursos de ódio que não é possível ficarmos calados, é preciso denunciar.

Gabi: Para finalizar, eu escolhi um trecho da obra “Colonização, quilombos: modos e significados”, de Antônio Bispo dos Santos¹⁶.

M.M.: Importante, nesse momento de passagem dele.

Gabi: Sim, de passagem de vida. No primeiro capítulo do livro, tem um subseção chamada “Manifestações Culturais” e eu acredito que vai de encontro com tudo o que vocês compartilharam nesta entrevista. Ele escreve assim:

“As manifestações culturais dos povos eurocristãos monoteístas geralmente são organizadas em uma estrutura vertical com regras estaticamente pré-definidas, número limitado de participantes classificados por sexo, faixa etária, grau de habilidade, divididos em times e/ou equipes, segmentadas do coletivo para o indivíduo (onde o talento individual costuma ser mais valorizado que o trabalho em equipe) e em permanente estado de competitividade. As competições são praticadas em espaços delimitados e arbitradas por um juiz, aos olhos de torcedores e simpatizantes que devem participar com vaias e/ou aplausos.

As manifestações culturais dos povos afro-pindorâmicos pagãos politeístas são organizadas geralmente em estruturas circulares com participantes de ambos os sexos, de diversas faixas etárias e número ilimitado de participantes. As atividades são organizadas por fundamentos e princípios filosóficos comunitários que são verdadeiros ensinamentos de vida. É por isso que no lugar dos juízes, temos as mestras e os mestres na condução dessas atividades. As pessoas que assistem, ao invés de torcerem, podem participar das mais diversas maneiras e no final a manifestação é a grande vencedora, porque se desenvolveu de forma integrada, do individual para o coletivo (onde as ações e atividades desenvolvidas por cada pessoa são uma expressão das tradições de vida e de sabedoria da comunidade).

Observando o conteúdo organizativo e os regramentos que governam essas diferentes modalidades, logo podemos perceber que as manifestações de matriz eurocristã monoteísta trabalham o coletivo de forma segmentada e

¹⁶Obra de 2015.



as manifestações afro-pindorâmicas politeístas trabalham o indivíduo de forma integrada. Um exemplo ilustrativo é a diferença entre o futebol (criados pelos ingleses, um povo de cosmovisão monoteísta) e a capoeira (criada pelos povos afro-pindorâmicos, de cosmovisão politeísta).

O jogo de futebol é regido por regras estáticas e pré-definidas, onde vinte e duas pessoas jogam, uma pessoa julga e milhares de pessoas assistem. Pode ocorrer que entre as pessoas que assistem exista alguém que jogue melhor que uma das vinte e duas pessoas que estão jogando. Mesmo assim dificilmente esse alguém poderá entrar no jogo.

Numa roda de capoeira, regida pelos ensinamentos de vida, podemos ter cinquenta pessoas jogando, uma pessoa ensinando e pouquíssimas assistindo. Entre as poucas pessoas que assistem pode haver alguma que nunca viu a capoeira. No entanto, se esta quiser, ela pode entrar na roda e jogar.

Uma pessoa de qualquer sexo e de qualquer idade que não conheça nenhuma das duas modalidades tem muito mais probabilidade de ser convidada para entrar numa roda de capoeira que num jogo de futebol. Essa lógica excludente do futebol e inclusiva da capoeira estão presentes no dia a dia e fazem parte do processo organizativo da coletividade. Eis a importância das cosmovisões na organização das sociedades”.

(Risos).

M.M.: É um mestre, fantástico.

M.D.: Eu lembro de um evento que nós realizamos ano passado, onde eu precisei parar a roda por conta de um jogo que ficou mais acalorado. Era capoeira, mas eu parei a roda, por conta da intervenção de quem estava assistindo, pois quem assistia, parecia estar em um estádio de futebol, torcendo para que um dos lados fosse vencedor. E nós sabemos que quando há essa vibração externa, de fora para dentro da roda, interfere também no ânimo de quem está jogando. Porque capoeira é um jogo, pode acontecer de alguém levar uma desvantagem no jogo, e era isso que estava acontecendo. A manifestação de quem estava de fora iria interferir no jogo. Eu parei a roda e expliquei que o objetivo não era machucar, apesar disso fazer parte da



capoeira. Reiniciamos a roda e tudo fluiu, mas isso tem muito a ver com essa visão de capoeira que leva em consideração quem veio antes. Aconteceu ano passado alguns desentendimentos na Roda de Iemanjá, uma briga generalizada. Mais tarde, soubemos que não haviam mestres para guiar aquela roda. O que percebemos também é que a capoeira está sendo invadida por essa visão eurocêntrica da competição exacerbada.

Gabi: Eu entendo que, quando falam que a capoeira está embranquecendo, não é sobre pessoas brancas praticarem a capoeira, mas sim a invasão de uma lógica que pertence à branquitude nesse espaço.

M.M.: É isso, da competição. Agora existem grupos que elegem o melhor tocador, o melhor jogador, o melhor cantador. O melhor, individualiza.

M.D.: O Mestre Nô, esse ano, passou por duas internações. Primeiro precisou retirar a vesícula e pouco depois teve um AVC. Após 15 dias de internação do mestre, aconteceu uma roda de capoeira promovida por ele em Salvador, onde todos os alunos do mestre se reuniram. O médico proibiu o mestre Nô de jogar capoeira, mas ele jogou. Ele disse assim: “Se eu não for jogar, é como se estivesse me matando”. Outra coisa que nós vimos nesse evento, foi um mestre do grupo Cenavoux, que chegou amparado por outra pessoa. Quando a roda começou, ele se abaixou e no pé do berimbau. Quando ele começou a jogar, ninguém diria que ele havia entrado no evento nas condições que havia. Ao final da roda, ele explicou que tinha uma doença degenerativa, mas que quando o berimbau tocava na roda, ele ia jogar.

Mestre Dedé Quilombola é um outro exemplo. Ele havia feito uma cirurgia para correção de catarata e o médico havia proibido ele de jogar. Mas o mestre jogou na roda, colou a cabeça no chão e rodou no chão. Outro, o mestre Tico Camaleão, tinha feito uma cirurgia no joelho e foi proibido de jogar e de dobrar a perna, mas jogou na roda. Essa lógica dessa capoeira é uma capoeira ancestral. Essa capoeira embranquecida, não porque tem pessoas de pele clara, mas esbranquiçadas por essa lógica de uma capoeira voltada para o campeonato, pessoas nesse estado físico, não jogariam. Porque o atleta tem prazo de validade. Um atleta de alto rendimento tem até os 25 anos, talvez. Depois dali, de tanto treinar, o corpo começa a ter o declínio e você



não rende mais na roda. Eu disse uma vez para outras pessoas: Nós não temos condição de competir com meninos mais novos”. Eu tenho dor no ombro, tenho dito que treino com o joelho amarrado, sempre colocando gelo. Mas eu estou na roda. Se eu estivesse nessa lógica da capoeira para alto rendimento, eu já teria parado. O que Nêgo Bispo traz, é isso, é a capoeira. Mestre Nô, com 78 anos de idade, com essa limitação, ele jogou. Isso que Nêgo Bispo faz, é uma fala de quem realmente percebe, não só na capoeira mas em outros espaços, quem chega traz consigo quem veio antes. É como a mestra Malu falou, hoje eu sou o mais antigo dentro do grupo, mas quando o mestre que me formou chega, eu viro aluno. O mestre é ele. E quando o mestre que formou ele chega, é todo mundo aluno. E eu ouvi o mestre Nô falar isso sobre o mestre Bigodinho, quando ele estava vivo. Essa é a lógica da capoeira, reconhecer quem veio antes de você. Essa outra lógica está invadindo a capoeira e isso não é bom para nós. É o que Nêgo Bispo falou, talvez em algum momento as pessoas tenham que reaprender o caminho para casa. Em algum momento elas vão precisar voltar para casa para, talvez beber dessa fonte, porque estão se distanciando demais.

M.M.: Essa é a lógica capitalista na capoeira. Como dissemos desde o começo, nós não temos como fugir, nós vamos estar sempre negociando e resistindo. A capoeira é uma prática de resistência. Nós resistimos, enquanto outros estão dentro da lógica capitalista e precisam reaprender. Nós queremos um lugar que possamos nos encontrar com outras pessoas, poder ter prazer, alegria; onde ganhamos e perdemos, mas estamos juntos. Nós queremos uma roda para o mundo, que possamos ter a possibilidade de nos colocarmos e respeitarmos as nossas diferenças. E quando a capoeira vai para uma lógica mercantilista, ela quer um atleta, um campeonato, eficiência e isso tem prazo. Essa é uma visão eurocêntrica. É um resquício de colonialidade na roda de capoeira. Se foi negado ao nosso povo, na pós-abolição, o acesso à educação, se foi proibido por lei, se fomos proibidos de ter nossos heróis, se fomos colocados de novo à margem, sempre estivemos resistindo. E hoje, nós resistimos para ter esse outro olhar. Compreendemos, depois da Covid-19, que o mundo está ruindo, nossa cidade está cada vez



mais quente. Então, ou vamos respeitar a terra, a água, o mar, compreendendo quem são os nossos Orixás, que outra lógica eles trazem, ou estaremos assinando o fim do mundo.

Nós tentamos fazer do nosso lugar uma experiência como foi Palmares. Mestre Nô, lá trás, não compreendia o que era MN, o que era consciência negra, o que era letramento racial, mas o primeiro nome do grupo de capoeira foi “Retinto”. Depois foi “Orixás da Bahia”, até chegar a “Palmares”. Mesmo que o mestre não tivesse esse conhecimento acadêmico sobre a questão, foi fazendo o seu aquilombamento e fomos resistindo. Existem experiências em todo o país de capoeiras que estão nessa lógica de mercado. Eu fiz uma prova de doutorado recentemente onde a discussão era capoeira e uma das pessoas que estavam na minha banca perguntou se não era utopia demais trazer a capoeira como educação afroreferenciada enquanto uma lógica democratizada. Eu respondi tranquilamente que do lugar que eu piso, do lugar que eu sento, do lugar que eu caminho, é assim. Nós fomos desterritorializados, tudo nos foi negado. Precisamos primeiro refletir o que eu tenho do brando na minha cabeça, como descolonizar essa mente e como afirmar conhecimentos que foram negados. Tocar o berimbau, cantar, estar junto de pessoas, escutar. Sabe aquele momento que você está na roda e tem prazer de estar? Isso nos tem sido negado. Ontem estávamos brincando na Praça da Independência para tocar na terra. Existem pessoas hoje que têm assepsia em pensar em tocar no chão. A capoeira, a partir desse lugar que nós viemos, que vem de longe, vem de mestre Nô e dos mestres deles. Mestre Nô dizia assim: “Aos 17 anos eu fazia a capoeira o sentido da minha vida”. Nós, em outros momentos, estamos dizendo que estamos tentando fazer um sentido para as nossas vidas. E nós percebemos que dentro desse lugar, dessa sociedade capitalista ao extremo, como Marx¹⁷ diz que o corpo humano é uma mercadoria, nós não queremos ser mercadoria, nós queremos ser sujeitos. É bem louco porque é totalmente o contrário ao que a Universidade

¹⁷O autor alemão Karl Marx, em “O Capital” (2011).



DIREITOS HUMANOS
E TRANSDISCIPLINARIDADE

prega, ao que a educação ainda tem. Eu compreendo que pode parecer muita utopia falar disso, mas é o que nós temos vivenciado.

M.D.: Se você for seguir essa lógica, você não vai ministrar aula de capoeira na periferia. Você vai para onde vão lhe pagar. Eu escolhi estar na periferia, dar aula no meu bairro porque eu acredito que aqui eu somo mais. Eu acredito que a capoeira me fez bem e que eu poderia ofertar um pouco disso para quem vive no bairro conosco. E não é uma questão de formar mestres de capoeira. Se escolherem continuar, é o caminho que será trilhado, mas se não, terão vivenciado um pouco e aprendido a respeitar. Acredito que o objetivo seja esse, estar lá e vivenciar um pouco dessa capoeira, compreender um pouco de quem nós somos e perceber que nos foi negado muita coisa, mas que existem documentos que vão dizer que nós temos direitos: à moradia digna, à saúde de qualidade, à educação... Precisamos entender isso e cobrar. Precisamos compreender o que podemos fazer para não deixar passar um caso de racismo, uma homofobia; como isso pode ser feito no meu bairro, enfim... É isso que nós buscamos fazer dentro do grupo e jogar capoeira também.

M.M.: Nós treinamos muito porque é a partir do corpo forte que a mente produz conhecimento. Nós precisamos estar fortes enquanto corpo. Nada está dado, todos nós estamos sempre em processo de aprendizagem, porque é isso nos move.

M.D.: Não é porque você é mestre que aprendeu tudo. Você continua aprendendo, porque, como vocês está sempre na roda, você vai aprendendo a jogar com o corpo que você tem. O seu corpo é diferente quando você é criança, quando é adolescente, quando é um adulto-jovem. O tempo vai passando e você percebe que se você dobrar o joelho, ele dói. Como eu vou jogar capoeira sem dobrar o joelho? Você vai estar sempre aprendendo. Estar na capoeira é uma aprendizagem diária.

Gabi: Muito bom, foi muita aprendizagem sobre como vocês fazem parte dessa história viva do MN e capoeira na PB. Me deixa muito feliz de estarmos nesse espaço universitário e conseguir falar sobre tudo isso. Poderíamos



DIREITOS HUMANOS
E TRANSDISCIPLINARIDADE

estar falando sobre milhares de outras coisas, mas passamos uma tarde ouvindo sobre capoeira.

M.M.: E essa abertura tem a ver com vocês, de onde vocês vêm. Nem todos teriam essa abertura. Como você disse, existem várias possibilidades.

Gabi: Estamos nas frestas. E uma coisa que vocês trouxeram muito nas suas falas é essa ideia de caminhar junto, de ser uma ponte, de ajudar quem está chegando a abrir portas.

M.M.: Esperamos abrir muitas portas para a periferia dessa cidade.

Gabi: Uma felicidade esse nosso encontro, só temos a agradecer.



Gabriela Novaes entrevistando Mestre Dário e Mestra Malu (Giovanna Ignowsky Borba/DHT).

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 1982.



DIREITOS HUMANOS
E TRANSDISCIPLINARIDADE

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

FRANÇA, Ábia Lima de. **Trajetórias Formativas e Registros Biográficos de Mestras de Capoeira**. Tese (Doutorado em Educação). Salvador, p. 299, 2022.

LORDE, Audre. **Sister Outsider: Essays and Speeches**. Berkeley: Crossing Press, 2007.

MARX, Karl. **O Capital (Livro 1): Crítica da Economia Política; O Processo de Produção do Capital**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2011.

QUIJANO, Anibal. **¡Qué tal raza!**. Revista Del Celsa, v. 1, 2000, p. 192-200.

SANTOS, Antonio Bispo. **Colonização, quilombos: modos e significados**. Brasília: Universidade de Brasília, 2015.

